

## A insustentação da simetria comunicacional<sup>1</sup>

Anyzaura Vieira Voltolini<sup>2</sup>

### Resumo

Neste trabalho, será exposta uma relação de conceitos importantes que permeiam os estudos de comunicação mediática e interativa. Os artefatos tecnológicos aparecem com o intuito de evolução na facilidade comunicativa e, além disso, complementar as ações humanas. Porém, muitas consequências impelem modificações no cotidiano da formação das mensagens e na mudança do caráter veiculativo para vinculativo responsável pela formação das redes. Portanto, faz-se necessário o estudo de novas teorias de comunicação, baseando em manifestações interativas da era digital. O artigo discute a preocupação em estabelecer novos estudos comunicacionais, solidificando-os nas mídias digitais e na comunicação interativa, na inteligência coletiva e valorizando o receptor como um interagente, participativo e emissor da mensagem.

### Palavras-chave

Cibercultura; Interatividade; Sociabilidade; Inteligência Coletiva.

### Introdução

Há diversas matrizes e conceitos envolvidos quando estuda-se comunicação. Tais conceitos se definem a partir das consequências dos impactos que são causados por ela, como exemplo, impactos ambientais, políticos e tecnológicos. O último será trabalhado especificamente neste artigo.

Primeiramente, tem-se como comunicação uma técnica de expansão ideológica aliada ao político. Esta expansão de conhecimento visa garantir uma certa organização, um controle da movimentação do mundo. Surge, então a comunicação oficialmente. A comunicação como elemento de ordenação, um método de transmissão argumentativa, um dispositivo estratégico de poder para manutenção da ordem.

No final do século XIX, quando a Revolução Industrial já estava estabelecida em um contexto de consumismo e em uma atmosfera de progresso, propicia-se um ambiente conveniente a formação da imprensa. Nesse período, a imprensa já havia adquirido características próprias, uma veiculação em massa, barata apoiada no consumismo e considerada um grande meio técnico de expansão e de investimento.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Redes sociais na Internet e Sociabilidade online do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Ciberultura, realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

<sup>2</sup> Mestranda do 4º semestre do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bolsista FAPESP e orientanda da Profª Drª. Maria Lucia Santaella Braga, email: [anyvoltolini@gmail.com](mailto:anyvoltolini@gmail.com).

“É sob a égide dos engenheiros e dos especialistas das ciências físicas, ligados aos grandes corpos tecnocráticos, vivendo na cidade e encarnando os valores da civilização urbana, que nasce a primeira concepção da sociedade pós-industrial. Seu modo de pensamento estava mais próximo da “mecânica” do que do pensamento “flúido”. Seus métodos eram métodos objetivos, de projeção linear, contando com as técnicas quantitativas. E é precisamente aplicando essa linearidade às extrapolações das taxas de crescimento do pós-guerra que eles propuseram uma visão da sociedade pós-industrial como uma sociedade de abundância (com crescimento exponencial de lucros), uma sociedade essencialmente terciária em que os serviços passam à frente da indústria, uma sociedade em que subsistiria a dicotomia trabalho/lazer, e em que a busca contínua do progresso se realizaria a partir da acumulação de bens estes criando a felicidade.” (MATTELART, 2004, p. 81).

Com o surgimento da massa – a população mantendo acessos às informações do Estado – promove-se a geração de empresas comunicacionais, inserindo os meios técnicos de comunicação ao meio industrial e, assim, atuante ao lado do Estado e do meio político. Visava-se, então, a manipulação da mensagem onde o receptor absorvia, como “esponja”, e era inapto à produzir um *feedback*.

Inicia-se um estudo pragmático do meios comunicacionais, cogitações sobre maneiras seguras de atuação na sociedade. Uma tendência comportamentalista onde determinados estímulos causariam certos efeitos. A comunicação passa a ser considerada como uma técnica de controle de ideias, opiniões para combater a competitividade humana tendo em vista a chegada à consensos.

Até aqui, podemos entender mediação como estratégia de controle, uma comunicação instrumental, de técnicas desenvolvidas para garantir a organização consensual. Aqui, vale lembrar, que se discute o avanço tecnológico como resultado da segunda guerra, relacionando, então, tudo à poder político (MATTELART, 2004, p. 75).

Portanto, os primórdios conceituais de mediação são, essencialmente uma comunicação simétrica, regular, direta e organizada. Para discorrermos sobre os processos simétricos, necessitamos trazer à tona os conhecimentos sobre termodinâmica que foram muito bem posicionadas nos iniciais estudos de comunicação.

A teorização sistêmica acarretou diversas discussões no meio comunicacional. A adesão da teoria propriamente física e matemática serviu de impulso para entendimento na construção das técnicas de comunicação mediativas.

Mattelart expõe a história de Claude Shannon, que publica, em seu livro a “Teoria matemática da comunicação” um sistema geral de comunicação. Aplica-se, então, certa interdisciplinaridade entre as aplicações do termo “informação”.

“De imediato, a teoria matemática da informação se revelou um ponto de encontro para disciplinas tão diversas como a física, a matemática, a sociologia, a psicologia, a biologia molecular e a linguística, que desde os anos 1950 partilhavam, como vimos, por meio do conceitos de código, de imagem, de mensagem e de informação, uma mesma grade de leitura.” (MATTELART, 2004, p. 74).

Os sistemas trocam energia – informação - com intuito de ajustamento, nivelamento, visando uma igualdade energética – informacional. Porém, a necessidade vital para qualquer sistema é estar em constante movimentação, troca, até que alcancem o estado de equilíbrio. O sistema que preza por seu equilíbrio – homeostase, classifica-se como um sistema fechado, fechado à troca. O propósito essencial para essas qualidades é a manutenção da simetria dos componentes do sistema.

A definição de “simetria” se apresenta como uma correspondência em grandeza de forma e posição relativa, ou seja, mesmo em lados opostos os componentes se correspondem em uma certa igualdade, similaridade, além de ser de característica linear, transmissiva, mediativa.

Já, o sistema que não há discriminação à outro sistema é caracterizado como aberto. Desprovido de simetria, o sistema aberto está em constante transformação, perdendo e ganhando definição informacional. Com isso, torna-se cada vez mais complexo capaz de multiplicar-se e de produzir informação.

Por meio das relações com o ambiente que o sistema qualifica-se como vinculativo ou interativo.

“Uma das características principais da tecnologia criada e distribuída em forma digital, potencializada pela configuração informacional em rede, é permitir que os meios de comunicação possam atingir os usuários e obter um *feedback* imediato. Por isso mesmo, há algum tempo, um dos tópicos centrais da comunicação digital tem sido o da interatividade.” (SANTAELLA, 2004, p. 200).

O sistema que se mantém aberto é próprio de uma continuidade, em que cada instante aumenta-se o território, um tempo desordenado para a produção de informação, extraordinária complexidade.

Há, então, uma constante modificação da informação, uma transformação de hábitos. Há uma idealização de uma nova sociedade comunicacional. “(...) Ao método objetivo, será oposta a primazia dos valores; às técnicas quantitativas, técnicas empíricas qualitativas; à atitude lógica, a atitude heurística; ao cognitivo, o intuitivo; à projeção linear, a multiplicidade das escolhas e das opções.” (MATTELART, 2004, p. 83).

“(...) um processo pelo qual duas ou mais coisas produzem um efeito uma sobre a outra ao trabalharem juntas. Uma definição menos genérica e mais simplificada diz que interação é a atividade de conversar com outras pessoas e entendê-las. Nesta última definição, está explícita a inserção da interatividade em um processo comunicativo, que, na conversação, no diálogo, encontra sua forma privilegiada de manifestação.” (SANTAELLA, 2004, p. 154).

### A Interação

Com isso o conceito de interação como característica da comunicação vem modificando as maneiras antecedentes de pesquisas comunicacionais. A ideia de controle precisou ser revista incurtindo novas teorias baseadas na retroalimentação.

Na mediação, não há troca. Essa afirmação é inaceitável nas redes. No mundo digital o indivíduo está em constante movimento, se caracteriza como um receptor imprevisível, virtualizado<sup>3</sup>, dissolvido.

“(...) O sujeito não está mais localizado em um tempo/espaço estáveis, em um ponto de vista fixo a partir do qual calcula racionalmente suas opções. Ao contrário, ele está multiplicado em bancos de dados, dispersado entre mensagens eletrônicas, descontextualizado e reidentificado em comerciais de TV, dissolvido e rematerializado continuamente em algum ponto na incessante transmissão e recepção eletrônica de símbolos.” (SANTAELLA, 2003, p. 214).

“(...) A multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo: em vez de seguirmos linhas de errância e de migração dentro de uma extensão dada, saltamos de uma rede a outra, de um sistema de proximidade ao seguinte. Os espaços se

<sup>3</sup> “(...) A virtualização pode ser definida como o movimento inverso da atualização. Consiste em uma passagem do atual, em uma “elevação à potência” da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutuar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular.” (LÉVY, 2011, p. 17 e 18).

metamorfoseiam e se bifurcam a nossos pés, forçando-nos à heterogênese.” (LÉVY, 2011, p. 23).

O que se traz em questão aqui, é a interatividade como diálogo fácil e de dupla via, como facilidade operacional, física e humanizadora dos atos digitais e tecnológicos, é o ato em que se dá a comunicação midiática contemporânea. “(...)Na vizinhança como o termo correlação, a interatividade ganha o sentido de influência mútua e com o termo cooperação adquire os sentidos de contribuição, co-agenciamento, sinergia e simbiose.” (SANTAELLA, 2003, p. 214).

“Straubhaar e LaRose nos dizem que o termo se torna significativo quando é aplicado a sistemas nos quais o *feedback* do receptor é utilizado pela fonte – seja esta humana ou computacional – para modificar continuamente a mensagem no ato de ser transmitida ao receptor.” (SANTAELLA, 2004, p. 154).

Esse deslocamento do emissor acarreta uma descentralização radical, não somente de tempo e espaço. Kerckhove diz que essa mudança é proporcionada por uma economia da abundância, ou seja, a informação terá maior relevância e será, abundantemente, disponibilizada. Além disso, uma descentralização de emissor/consumidor será acompanhada por uma descentralização das tecnologias produtivas. Haverá uma queda de preços sobre os objetos tecnológicos provocando uma maior acessibilidade gerando os “prossumidores”<sup>4</sup>.

“À medida que a tecnologia dá poder às pessoas, os consumidores desenvolvem a necessidade de exercer mais controle sobre o seu ambiente imediato. À medida que nos movemos de uma cultura dirigida pelo produtor para uma cultura dirigida pelo consumidor, a indústria perceberá que conceber características que reflitam o poder do consumidor é algo que terá de fazer parte de seus produtos. A geração do “prossumidor” nasceu nos anos 80, e era do *yuppies* e das redes de computadores. Os computadores permitiram às pessoas falarem com suas telas, recuperar o controle da sua vida mental da televisão e tomar parte ativa na organização do seu ambiente, local e global.” (KERCKHOVE, 2009, p. 110).

Há, então, um deslocamento da emissão da mensagem, a qual era super conservada e privada de opiniões do público nas teorias de mediação. Agora, Kerckhove (2009) defende que os antigos “líderes de opiniões”, aqueles que filtravam as informações se tornaram os *gatekeepers*, “(...), assistentes inteligentes, caçadores de

<sup>4</sup> Derrick Kerckhove analisa melhor esse conceito quando fala de Ciberdesign a partir da página 105 de seu livro *A Pele da Cultura* (2009).

informação especificamente treinados para saber as últimas sobre qualquer assunto” (p. 79).

Santaella (2003, p. 215) diz que quanto mais nos envolvemos e dependemos do ciberespaço, “(...)”, mais a noção de um corpo único e imutável desaparecerá em prol de uma noção de um corpo como algo disponível”, um corpo modificável. O “quem eu sou” e “onde estou” será “subvertido e disperso pelo espaço social”.

A autora faz uma análise cultural da comunicação e classifica em seis eras: oral, escrita, impresa, massiva, mídias e digital. Ela ainda defende que cada era possui sua maneira própria de manifestação comunicacional, relacionando aos artifícios tecnológicos evidentes na época.

Além disso, Santaella (2003) explica que uma era não se sobrepe à outra, mas se complementam, propiciando um grau de complexidade comunicativa. “(...)”: uma nova formação comunicativa e cultural vai se integrando na anterior, provocando nela reajustamento e refuncionalização” (p. 13). Ela ainda expõe que a cultura digital veio sendo semeada com o tempo pela cultura de massa, preparando o “terreno sociocultural”.

Quanto mais complexas e completas as tecnologias se apresentam, mais recursos e informação complexificam, também nossas vidas. Já vimos que nenhuma época cultural midiática superou e descartou as outras, portanto está mais esclarecido que a comunicação se complexifica à medida que seus artefatos tecnológicos evoluem, suprimindo e gerando novas necessidades.

“De fato, quanto mais o universo sensorial e cognitivo foi se estendendo e se amplificando em tecnologias de produção de signos, mais o cérebro extra-somatizado foi objetivando-se em cultura, fazendo crescer a complexidade do real que se adensa e se alarga cada vez mais: o mundo dos utensílios e objetos foi alargado pelas máquinas de extensão da força muscular humana. Estas foram alargadas nas máquinas replicadoras das experiências visuais e auditivas que, por sua vez, foram amplificadas nas máquinas que aumentam a capacidade do cérebro. Essas mesmas máquinas estão criando rebentos que realizam a façanha de aumentar a própria realidade, como é o caso do ciberespaço, da telepresença e RV, Onde issi irá dar? Não podemos prever, pois o mistério da vida, e da vida humana em particular, está na sua abertura para o acaso. Acaso que traz consigo a imprevisibilidade, o intransponível, a necessária humildade diante da irremediável incompletude do nosso saber.” (SANTAELLA, 2003, p. 228).

O surgimento e a proliferação de mídias que propiciam maior interação e hibridização das mensagens, também provocada pela convergência midiática possibilitou a entrada da era digital (SANTAELLA, 2003, p. 16).

As três culturas mais recentes (massa, mídias e digital) coexistem, se completam, porém de uma maneira que conseguimos destacar as especificidades de cada uma sepradamente. A cultura digital apresenta uma convergência midiática. Já, na cultura das mídias, há uma convivência midiática. “(...). É a convergência das mídias, estas últimas ainda em plena atividade, que tem sido responsável pelo nível de exacerbação que a produção e circulação da informação atingiu nos nossos dias e que é uma das marcas registradas da cultura digital.” (SANTAELLA, 2003, p. 17).

“(...) cada novo sistema de comunicação e de transporte modifica o sistema das proximidades práticas, isto é, o espaço pertinente para as comunicadade humanas. (...). Cria-se, portanto, uma situação em que vários sistemas de proximidade e vários espaços práticos coexistem.” (Levy, 2011, p. 22).

Portanto, vê-se relações, agenciamentos. Exige-se uma participação interacional, mútua, intercambiando ideias, sentimentos, emoções e intenções. Com os meios digitais e os avanços na tecnologia da mobilidade, vemos uma outra forma de sociabilidade, ou melhor, uma potencialização da sociabilidade humana.

“(...) A multiplicação dos meios de comunicação e o crescimento dos gastos com a comunicação acabarão por substituir a mobilidade física? Provavelmente não, pois até agora os dois crescimentos sempre foram paralelos. As pessoas que mais telefonam são também as que mais encontram outras pessoas em carne e osso.” (Levy, 2011, p. 23).

“Mostrei como, com esse procedimento, nada se ganha além de um novo nome comum para todos os conhecimentos que continuarão a existir, imperturbáveis e autônomos, em seus métodos e temas, em suas tendências e denominações. Mesmo que esta seja uma ampliação equivocada da concepção de sociedade e de sociologia, em seu cerne se encontra um fato significativo e fecundo. Entender que os ser humano, em toda a sua essência e em todas as suas expressões, é determinado pelo fato de que vive interativamente com outros seres humanos deve levar a um novo modo de *observação* em todas as chamadas ciências do espírito.” (SIMMEL, 2006, p. 20).

A forma com que nos comunicamos está diretamente relacionada às maneiras de socialização.

“(...) essas divisões estão pautadas na convicção de que os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, embora, efetivamente, não passem de meros canais para a transmissão

de informações, os tipos de signos que por eles circulam, os tipos de mensagens que engendram e os tipos de comunicação que possibilitam são capazes não só de moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também de propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais.” (SANTAELLA, 2003, p. 13).

É interessante ressaltar a posição de Peruzzolo (2006), onde diz que se comunicar é mais que simples transmissão, existe uma relação. “(...). Se (...) comunicar é transmitir, não precisará ocupar-se mais do que cuidar das técnicas de emissão de suas mensagens.” (p. 15). Aqui, o autor fala de uma comunicação relacional, sobre um ponto de vista ontológico, fenomênico. “Tentamos entender o conceito de comunicação no limiar do cultural, onde ela não é ainda uma técnica, apenas um processo relacional; não que toda relação seja comunicação, mas toda comunicação precisa ser uma relação.” (p. 52).

Mesmo com toda a fluidez que o interagente apresenta na rede, a mediação ainda convive nesse cenário virtual. Porém, como Santaella (2003: 214) expõe, é “(...) pela mediação do Outro (a linguagem, a cultura, o ciberespaço enquanto sistemas de códigos)” que nos comunicamos com outros sujeitos também conectados à rede.

A autora defende que com o surgimento da Ciberultura, o Outro é mais valorizado, tornando-o mais complexo. Não podemos mais dizer que o interagente se identifica, como nos meios mediativos. Atualmente, o sujeito incorpora identidades, pois como fruto da imersão, essas “identidades são incorporadas, intercambiadas, complementadas, substituídas, transitáveis. Nessa lógica da reversibilidade, entramos na pele do outro, tornamo-nos o outro” (SANTAELLA, 2003, p. 214).

“Costuma-se pensar a ciberultura apenas em termos das novas tecnologias, especialmente as tecnologias computacionais e teleinformáticas que estão fazendo emergir um novo regime de tecnossociabilidade. Entretanto, no contexto mais amplo do pós-humano, a ciberultura também deve ser pensada sob o ponto de vista biotecnológico que está dando origem a uma biossociabilidade, este o terceiro conceito-chave para esta era digital, pois, segundo Rabinow, a biotecnologia está provocando a emergência de uma nova ordem para a produção da vida, da natureza e do corpo através de intervenções tecnológicas baseadas na biologia. Através delas, a natureza será conhecida e refeita até se tornar artificial, tanto quanto a cultura se torna natural.” (SANTAELLA, 2003, p. 216).

É interessante pontuar o que mais Santaella diz sobre a sociabilidade na cultura digital. A autora defende que o desenvolvimento do neocórtex coincidiu com a evolução



do homem em sua posição bípede. Mas foi a sutileza e necessidade humana que nos permitiu evoluir comunicativamente. Então, ela afirma: “(...). O neocórtex e a fala são assim instauradores da socialidade, responsáveis pela emergência do pensamento que, tendo a natureza de signo, é, por sua própria natureza, externalizável, social, compartilhado.” (SANTAELLA, 2003, p. 220).

Peruzzolo também expõe certos conceitos interessantes que podem ser encaixados no pensamento de Santaella. O autor diz que, até mesmo na Teoria da Informação, informar é trazer a diferença, ou seja, trazer a novidade, é diferenciar. Por isso, o autor releva a importância de nos mostrarmos diferenças, tornarmo-nos visíveis.

“(...) O que vai possibilitar a relação de comunicação será o meio de representar, porque a comunicação se faz por um meio, e o meio é justamente representar aquilo que se quer comunicar. É a representação que vai especificar a relação de comunicação, em que o termo da relação vem representando com todo um investimento afetivo, emocional, físico, etc., por meio de uma linguagem. A representação, portanto, subentende a relação de comunicar, quer seja animal quer seja humana. Dito de outra maneira, é a presença da linguagem que marca a especificidade dessa relação.” (PERUZZOLO, 2006, p. 44).

Com isso, propõe-se um compartilhamento de visibilidade, de identidades, de sujeitos e, conseqüentemente, suas ideias, conhecimentos, opiniões. Uma Inteligência Coletiva, conceito defendido por Pierre Lévy.

“O desenvolvimento da comunicação assistida por computador e das redes digitais planetárias aparece como a realização de um projeto mais ou menos bem formulado, o da constituição deliberada de novas formas de inteligência coletiva, mais flexíveis, mais democráticas, fundadas sobre a reciprocidade e o respeito das singularidades. Neste sentido, poder-se-ia definir a inteligência coletiva como uma inteligência distribuída em toda parte, continuamente valorizada e sinergizada em tempo real. Esse novo ideal poderia substituir a inteligência artificial como mito mobilizador do desenvolvimento das tecnologias digitais e ocasionar, além disso, uma reorientação das ciências cognitivas, da filosofia, do espírito e da antropologia para as questões da ecologia ou da ecologia da inteligência.” (Lévy, 2011, p. 96).

Como vimos, recentemente, as manifestações por todo o Brasil foram e são, ainda em muitos dos casos, uma manifestação coletiva dessa nova forma de sociabilidade. Não vem à essa exposição a análise profunda dos fatos recentes, mas é um exemplo peculiar a ser mencionado.

Além disso, o surgimento da Mídia Ninja, a qual é caracterizada como os grupos de indivíduos que divulgam, ao vivo, acontecimentos específicos considerados importantes nas redes. Esse jovens estão atentos aos comentários e conhecimentos trocados nas redes sociais e, com isso, comunicam, progressivamente, a informação/novidade<sup>5</sup>.

“Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção” (Lévy, 2011, p. 20).

O uso habitual da interatividade presente nos meios de comunicação usuais e de mobilidade traz, como necessidade, o estudo de um meio comunicativo interacional, não mais somente mediativo. Com a adesão desses dispositivos interativos, os usuários vivem novos costumes e valores, transgridem limites e impulsionando seus organismos à transformação.

### Conclusão

Tais características reafirmam a insustentação da simetria do modelo comunicacional antigamente construído.

A intervenção dos aparelhos digitais potencializou a interação e a assimetria na formação da mensagem. A interatividade potencializada pelos artefatos tecnológicos traz uma comunicação realizada por mídias interativas que apresentam uma convivência diferenciada induzindo a participação dos usuários na construção da mensagem.

O ambiente e os componentes que nela existem interferem na posição do sujeito, interagente, o qual se modifica, acarretando mudanças em uma série de realidades tradicionais.

“Muda a natureza do espaço público, tradicionalmente animado pela política e pela imprensa escrita. Agora, formas tradicionais de representação da realidade e novíssimas (o virtual, o espaço simulativo ou telerreal) interagem, expandindo a dimensão tecnocultural, onde se constituem e se movimentam novos sujeitos sociais.” (SODRÉ, 2006, p. 19).

<sup>5</sup> Visualizado em 05/09/13. Disponível em: <http://gabeira.com.br/midia-ninja-e-o-futuro-desfocado/>

Quando o indivíduo relaciona-se com o ambiente (com as novas técnicas informacionais – mídias digitais) ocorre a modificação do hábito, a mudança de algo já incurtido simbolicamente e uma transformação brusca passível de evolução, mais transformações. “(...). Refiro-me a esse esforço de ultrapassar limites, de conquistar novos meios, de intensificar as sensações, de explorar outras velocidades que se manifesta numa explosão esportiva específica de nossa época.” (LÉVY, 2011, p. 31).

A digitalização traz uma “[...] conformação atual da tecnocultura, uma cultura de simulação ou do fluxo, que faz da representação apresentativa uma nova forma de vida”<sup>6</sup> (SODRÉ, 2010, p. 17).

Os processos interativos são multidirecionais e instauram-se em um hiperespaço difundido de informações em trânsito, contrariando o rigor dos modelos lineares. Estes métodos de comunicação repartem as características dos sistemas não lineares. “[...] Enfim, são processos de comunicação tão diferenciais e inovadores ao ponto de estarem criando um tipo muito especial e proliferante de cultura que está recebendo o nome de cultura do computador.” (SANTAELLA, 1996, p. 12).

Todos esses métodos de uma nova comunicação contra argumenta os métodos feitos para um modelo mediativo e veiculativo. Uma total dissimetria é instaurada na produção e construção da mensagem de maneira instantânea e reflexiva.

Não há previsão, não há um hábito fixo e pré-determinado em que é possível uma manipulação da mensagem e uma aceitação em massa. A resposta e os estímulos são a mensagem, acrescentam informação, participação. Não há mais uma concentração da informação onde uma proporção de dados era mantida para garantia massiva de ideologia. Hoje há um compartilhamento de opiniões inovadoras, onde cada resposta interfere nos símbolos envolvidos na próxima mensagem oferecida.

De nenhuma forma podemos, atualmente, considerar o receptor uma esponja que somente recebe a mensagem, pois já o é oferecido um escape para sua voz passar a ser ativa e mudar o resultado primário que era esperado pelo emissor.

“Como teoria de um controle é a teoria de uma técnica, que considera a comunicação somente enquanto engenharia, ignorando aspectos mais substanciais como o caráter das relações sociais que ela institui e o lugar que ela constrói para os sujeitos.” (PERUZZOLO, 2006, p. 23).

<sup>6</sup> Reflexividade social – conceito exposto pelo autor Muniz Sodré.

Não se pode enrijecer em teorias, técnicas sistematizadas e imutáveis se estamos presentes em um sociedade instável, transformadora e instantânea.

Se faz necessário o ensino da evolução das teorias comunicacionais, além do progresso conceitual do tema. A discussão e o compartilhamento desses pensamentos são prioritários para incentivar pesquisadores e para o posicionamento de muitas opiniões sobre cibercultura. Também, vê-se importante a relação das variadas visões e previsões da temática. Trazendo em pauta maiores discussões.

#### Referências bibliográficas

KERCKHOVE, Derrick de. **A pele da cultura: Investigando a nova realidade eletrônica**. São Paulo: Annablume, 2009.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. 2 ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo/SP: Ed. 34, 2011.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **Pensar as mídias**. São Paulo/SP: Edições Loyola, 2004.

PERUZZOLO, Adair C.. **A comunicação como encontro**. Bauru/SP: Edusc, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das mídias**. 2. ed. São Paulo/SP: Experimento, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura da mídias à cibercultura**. São Paulo/SP: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo/SP: Paulus, 2004.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução Pedro Caldas. Rio de Janeiro/RJ: Joge Zahar Ed., 2006.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede**. 5.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro/RJ: Mauad, 2006.